

16.06.98

Melita

MENCIONE-SE, PUBLIQUE-SE
E EXPEÇA-SE

98/06/16



2181

MERAT

REQUERIMENTO Nº 733 /VII/ 3.a - AC.

Assunto: Barreiras acústicas na VCI-Porto
Apresentado por: Pedro Baptista, Deputado do GPPS

Tendo em conta as notícias vindas a público que seguem em anexo, referindo os protestos das populações que habitam junto à VCI no Porto, reiteradas por declarações de autarcas e responsáveis da JAE, nas quais se entende que desde 1993 deviam estar instalados painéis de protecção acústica, o que não acontece cinco anos volvidos;

Sendo certo que outros painéis de protecção acústica têm sido colocados com a maior celeridade embora protejam aglomerados populacionais muito menos vulneráveis e menos numerosos e em obras feitas recentemente como por exemplo nos acessos de Lisboa às instalações da Expo;

Não se entendendo como se podem processar estas situações de ultrapassagem das disponibilidades públicas, embora se entenda que as populações se indignem e declarem estar perante mais uma manifestação da arbitrariedade centralista contra a população do Porto;

Requeiro explicações sobre o protelamento sucessivo da instalação das barreiras sonoras na VCI Porto que tem provocado numerosos, graves e irreversíveis prejuízos na saúde de milhares de pessoas, bem como informação concreta sobre a data em que se iniciará a montagem das barreiras.

Assembleia da República, em 15 de Junho de 1998

O Deputado,

Pedro Baptista

A *[illegible]*
Para preparar o expediente
98/06/16
O Chefe de Divisão
[illegible]

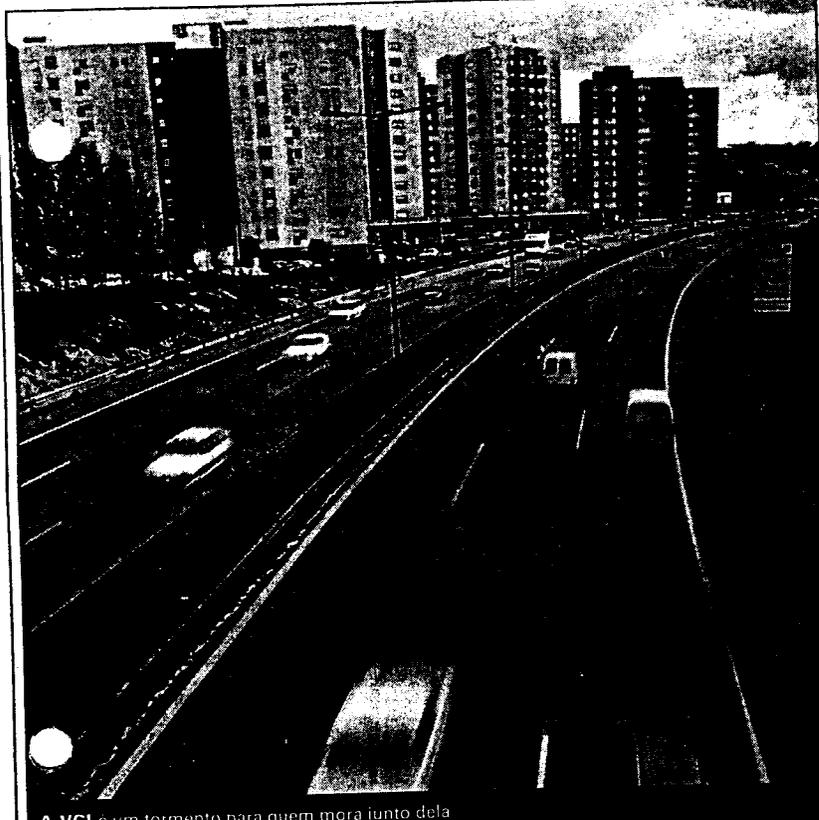
**RUÍDO
NO ASFALTO**



Quem vive perto de uma via de acesso rápido...
...devido ao ruído dos veículos...
...devido ao ruído dos veículos...
...devido ao ruído dos veículos...

Barulho na VCI ^{YN} atormenta vizinhos ^{09/06/98}

Moradores com ataques de nervos exigem barreiras sonoras naquela via para acabar com o tormento do ruído automóvel



A VCI é um tormento para quem mora junto dela



A VCI acusa ruídos que fazem mal à saúde



Não faltam moradores "desesperados" com o ruído da VCI

ANA CARLA ROSÁRIO

Há pessoas que se encontram, já, no limiar do sofrimento causado pelo ruído infernal, dentro das suas casas, durante o dia e toda a noite, oriundo da Via de Cintura Interna.

Para tentar atenuar o problema, o ministro João Cravinho e responsáveis da Junta Autónoma das Estradas visitaram a VCI e prometeram, há dois anos, colocar barreiras acústicas. Na altura, os moradores

rejubilaram e até esqueceram o seu sofrimento, as sucessivas noites de insónia e nem desconfiaram da seriedade de uma promessa que já vinha com três anos de atraso.

Agora, volvidos mais de cinco anos, a sua paciência está no limite, especialmente, quando ouvem os ministros falar em milhões de contos, para as mais diversas obras, e quando o seu problema, segundo a JAE, poderá ser (mas ainda não foi) resolvido com uns "miseros" 180 mil contos...

Entretanto, vão sofrendo de dores de cabeça, insónias, má-disposição, entre outros variados problemas neurológicos, que já não podem ser ultrapassados com calmantes.

Do campo para a VCI

Maria da Conceição Salgado Taveira, 68 anos, mora sozinha no último andar da entrada 370 do Bairro do Regado, junto ao Amial.

"Quando para aqui vim morar, há 34 anos, no local onde foi construída aquela estrada, só havia campos. Era o sossego absoluto", recordou a sexagenária, apontando, a partir da janela da sua marquise, para a VCI, ali, a poucos metros de distância.

Mas desde que abriu aquela via rápida, acabaram-se os dias de bonança.

"É impossível habituar-me ao barulho dos carros. É um inferno, de dia e de noite", lamenta-se.

Maria da Conceição costuma queixar-se ao seu médico que não consegue descansar e que o barulho parece que lhe rebenta

com a cabeça. Tem os nervos em "franja". Mas o médico não lhe pode valer, a não ser com a prescrição de comprimidos para a ajudar a dormir: "Não adiantam de nada. Tapo a cabeça e só assim consigo adormecer, mas quando a madrugada já vai alta", afirma.

"E quando chove ou há acidentes? Parece que o prédio vai de-

**Governo
e a JAE
não cumprem
promessas
com 5 anos**

sabar. As minhas vizinhas do rés-do-chão não acreditavam que, na minha casa, se ouviam muito mais barulhos do que na delas. Até se riam de mim. Mas, um dia, trouxe-as cá acima e nunca mais disseram nada. Viram que eu tinha razão. A minha casa pa-

rece o inferno na terra", continuou, desolada. "As cordas da roupa e as paredes da marquise ficam pretas com o fumo dos escapos. Nunca se pode abrir uma janela para nada", apontou, ainda, Maria da Conceição Taveira.

Barulho, frio e humidade

António Carlos Lopes vivia numa casa "muito sossegadinha", na Rua de Nova Sintra, no Porto. Mas, com a construção da Ponte de S. João, ela teve que ir abaixo.

António Lopes e a sua família foram viver, por isso, há 14 anos, para o segundo andar do número 80, no Bairro do Dr. Leonardo Coimbra, também perto do Amial. Em má altura.

Como se já não lhe chegassem os problemas com o frio e a humidade dentro de casa, a família Lopes anda, agora, a soníferos para passar as noites mais descansadas, por causa do barulho no exterior.

Mas não há medicamento que vença a "algazarra" de automó-

veis, motorizadas e camiões a passarem, lançados, na VCI: "Acordo todos os dias com dores de cabeça e cansado. É impossível viver-se nestas condições", afirma António Carlos, o chefe de família, que está reformado devido a uma doença nos ossos.

Dos mesmos sintomas se queixam os seus vizinhos. "O meu filho até pôs vidros duplos no quarto, para ver se conseguia dormir. Mas não adiantou, de nada o dinheiro que ali gastou", queixou-se o morador da porta ao lado da de António Lopes.

"Temos uma vizinha, aqui no bairro, que, desesperada por não conseguir dormir, gastou mais de 20 contos em janelas duplas. Mas diz que o barulho é o mesmo que antes de as ter colocado e já está arrependida. Acha que foi quase como ter deitado o dinheiro fora", alertou outra moradora, que se queixou, por seu turno, do dinheiro que gasta, todos os meses, na farmácia a troco de comprimidos para a ajudar a repousar de noite.



de adaptação ao ruído provocado pelos automóveis e também exige as promessas das barreiras acústicas

J.N.
21/6/98

Gomes exige barreiras para "silenciar" a VCI

Presidente da Câmara do Porto diz que, mais uma vez, a sua cidade foi desfavorecida em relação à capital e à Expo'98



Fernando Gomes está ao lado dos moradores contra a JAE



ANA CARLA ROSÁRIO

No ano passado, a Junta Autónoma das Estradas (JAE) já tinha em seu poder o estudo das medidas de minimização sonora na Via de Cintura Interna (VCI) do Porto e o ministro João Cravinho até veio ao Porto apressar, entre outras, aquela empreitada.

Entre as medidas que se propunha realizar, destacavam-se a redução da velocidade de circulação e o revestimento do pavimento com uma camada drenante. Só aquela obra custaria cerca de 100 mil contos.

Para além dos grandes aglomerados habitacionais junto à via rápida (nomeadamente, junto à Cooperativa Habitacional da Boavista, o Bairro do Regado e do Outeiro e a área entre as Antas e o Freixo), a JAE comprometeu-se, também, colocar barreiras acústicas perto do Hospital, Parque de Campismo e Escola Preparatória da Prelada e da Escola Portuguesa de Paralisia Cerebral. Tudo junto, custaria mais de 80 mil contos.

Mas, até hoje, só se vêem as colunas onde irá ficar uma barreira junto ao estádio das Antas.

Diferente realidade

Face a esta questão, a JAE respondeu que a "complexidade e o custo, associado às soluções propostas, obrigaram a uma reflexão rigorosa com definição de prioridades, conducentes a uma melhoria geral nas condições acústicas provenientes do elevado 'TMDA' que circula nesta via".

Por outro lado, explicou ain-

da a JAE, a execução de algumas soluções propostas "iriam criar outro tipo de impactos, igualmente gravosos", que foram considerados.

Porém, a JAE admite que "vai proceder ao lançamento, em locais da empreitada, da construção de barreiras acústicas que irão proteger locais públicos, considerados prioritários".

Em comunicado enviado ao JN, a JAE acrescenta, ainda, que irá ser colocado um pavimento poroso que diminuirá o

impacto sonoro, em cerca de quatro decibéis.

População cansada

Todavia, Fernando Gomes, presidente da Câmara Municipal do Porto, não se conforma com a falta das barreiras sonoras na VCI.

"Lamentavelmente, essa situação, que se arrasta desde 1993, ainda não foi resolvida. Ainda há um ano reuni-me, no local, com o ministro João Cravinho e a Junta Autónoma das Estradas, que ficaram de ultimar o

projecto de barreiras acústicas e arranjos paisagísticos no local", afirmou.

Se o autarca ainda desculpa a falta de jardins junto à via rápida, já não dá tréguas à ausência de barreiras anti-sonoras, pois "é a população quem mais sofre com o incumprimento".

Fernando Gomes considera que, mais uma vez, um projecto para a sua cidade ficou na " gaveta" em detrimento de outros semelhantes na capital: "Há uma falta de cuidado imensa no Porto que,

curiosamente, não se verifica nas vias de acesso à Expo, que já tem o mesmo problema resolvido".

O autarca garante que tem recebido imensas queixas de moradores e juntas de freguesia e admite pressentir que a sua paciência está no limite.

"Estão todos indignados e não páram de manifestar o seu desagrado. Qualquer dia", acrescenta o autarca, "os moradores são capazes de tomar uma medida mais drástica, em defesa dos seus interesses".

DEPOIMENTOS



Maria Nunes

Bairro do Dr. Leonardo Coimbra

"O barulho dentro de minha casa é horrível, só consigo dormir à base de comprimidos e o meu quarto nem sequer é virado para a VCI! Sei que tenho vizinhos que sofrem ainda mais que eu, porque dormem (ou tentam) em dependências junto à via-rápida. Este deve ser o maior martírio na terra. Ninguém consegue dormir. Colquem as barreiras acústicas".



Ana Gomes

Bairro do Regado

"Eu não tenho problemas. Fecho a porta da varanda e durmo bem durante a noite. Já o meu falecido era assim. Sei que há pessoas, nos andares de cima, que têm muitos problemas de cabeça e só dormem com a ajuda de comprimidos. Mas eu, pessoalmente, nunca os tive. O único defeito é que, quando estou à janela, não consigo ouvir a campainha da porta ou do telefone".



Corália Pinto

Escola Preparatória Maria Lamas

"Os mais incomodados com o ruído são os alunos que fazem as aulas de educação física. O problema agudiza-se no Verão, quando deixam de praticar desporto no ginásio e passam para o exterior. Foram plantadas algumas árvores e construído um muro mas, sinceramente, penso que não adiantam. O barulho mantém-se e incomoda muito".



Isabel Rute

Associação Port. de Par. Cerebral

"Este é um centro de ocupação de tempos livres para deficientes cerebrais, que passam aqui todo o dia. O ruído incomoda muito, sobretudo porque estávamos habituados, antes da VCI, a ter um quintal nas traseiras onde reinava o silêncio absoluto. Temos, ainda, um pequeno 'atelier' de cerâmica, a poucos metros de distância da via rápida, onde é muito aborrecido e extremamente cansativo lá estar".